

Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa sobre stress ocupacional

Irvin Sam Schonfeld, Ph.D.  
Edwin Farrell, Ed.D.

Nota dos Autores: A elaboração do presente artigo recebeu o apoio da NIOSH/CDC, bolsa n° 1 01 OH02571-01 a -06 e do Programa do Prêmio PSC-CUNY, bolsas n° 667401, 668419, 669416, 661251 e 63593. Gostaríamos de fazer um agradecimento especial a Phillip Morgan, Sigmund Tobias e George Schonfeld. Toda a correspondência referente ao presente artigo deve ser enviada a Irvin Schonfeld, Dept. of Psychology, City College of the City University of New York, New York, NY 10031 / ischonfeld@ccny.cuny.edu

## **Resumo**

O presente artigo examina as formas pelas quais os métodos qualitativos e quantitativos se apóiam mutuamente na pesquisa sobre o stress ocupacional. Os métodos qualitativos incluem (a) obtenção de informações a partir de descrições livres de vivências no trabalho, (b) observações diretas, cuidadosas no local de trabalho e (c) observadores participantes que descrevem uma determinada experiência de trabalho a partir do local onde ela ocorre. Mostra, também, como a pesquisa qualitativa estimula o desenvolvimento de teorias, a geração de hipóteses e a identificação de estressores no trabalho e de respostas de *coping*. As limitações da pesquisa qualitativa, especialmente na área da verificação, também são descritas.

### **A pesquisa qualitativa sobre o stress ocupacional pode enriquecer a pesquisa quantitativa sobre o stress**

O objetivo do presente artigo é apresentar a idéia de que os métodos qualitativos e métodos quantitativos mais rigidamente controlados quando aplicados conjuntamente à pesquisa sobre o stress ocupacional podem fornecer um quadro mais claro do processo do stress. Plewis e Mason (2005) escreveram que os métodos quantitativos e qualitativos representam componentes de pesquisa que “se informam mutuamente”. Hugentobler, Israel e Schurman (1992) destacaram a opinião de que todo método tem seus pontos fracos e que, ao se aplicarem diversos métodos ao estudo do stress ocupacional, os pontos fracos de um método serão compensados pelos pontos fortes dos outros. Eles, então, demonstram como os métodos qualitativos e quantitativos convergem na identificação das fontes do stress nos trabalhadores de uma unidade fabril. A pesquisa qualitativa, além disso, pode ser útil aos pesquisadores quantitativos no desenvolvimento de instrumentos (Blase, 1986; Schonfeld, 2006b).

Os métodos qualitativos, especialmente os associados à teoria fundamentada em dados (Glaser & Strauss, 1967), enfatizam o surgimento, a partir de dados, de categorias teoricamente importantes, bem como de hipóteses que tratam das relações entre estas categorias. Não há falta de literatura sobre o uso de vários métodos (Cresswell, 2003; Tashakkori & Teddlie, 2003). Smith (2006), justificando a aplicação de várias metodologias na pesquisa educacional, diz que “qualquer metodologia possui deficiências inerentes e não consegue dar conta de todo o caos, complexidade e contextualidade de campos como a educação” (p. 458). Nós deveríamos acrescentar o campo da pesquisa do stress ocupacional. Os métodos devem se adequar às indagações da pesquisa. É apropriado utilizarem-se métodos de levantamento, por exemplo, caso o objetivo seja quantificar variáveis no contexto do stress ocupacional. Para caracterizar de maneira descritiva a intensidade dos estressores relacionados ao trabalho vivenciados individualmente pelos trabalhadores, os métodos qualitativos podem ser utilizados de maneira proveitosa (Jex, Adams, Elacqua, & Lux, 1997).

Há pelo menos três tipos de métodos qualitativos que têm sido empregados na pesquisa sobre o stress ocupacional. O primeiro, e mais utilizado, envolve fazer com que os membros de grupos ocupacionais descrevam, com suas próprias palavras – por escrito ou oralmente – suas vivências diárias no trabalho. Este tipo de método já foi aplicado a várias profissões (Browner, Ellis, Ford, Silsby, Tampoya, & Yee, 1987; Büssing & Glaser, 1999; Carradice, Shankland, & Beail, 2002; Dewe, 1989; Dick, 2000; Gomme & Hall, 1995; Goodwin, Mayo, & Hill, 1997; Hugentobler et al., 1992; Hutchinson, 1987; Isaksen, 2000; Jex et al., 1997; Kahn, 1993; Keenan & Newton, 1985; Khowaja, Merchant, & Hirani, 2005; Kidd, Scharf, & Veazie, 1996; Lee, 1998; MacDonald & Korabik, 1991; Maki, Moore, Grunberg, & Greenberg, 2005; Mears & Finlay, 2005; Molapo, 2001; Noonan, Gallor, Hensler-McGinnis, Fassinger, Wang, & Goodman, 2004; Polanyi & Tompa, 2004; Reid et al., 1999; Tewksbury, 1993; Tracy, Myers, & Scott, 2006; Weyman, Clarke, & Cox, 2003) incluindo professores (por ex. Blase, 1986; Blase & Pajak, 1986; Engelbrecht, Oswald, Swart, & Eloff, 2003; Farber, 1991; Farber, 2000; Ginsberg, Schwartz, Olson, & Bennett, 1987; Griffith & Brem, 2004; Mykletun, 1985;

Schonfeld & Ruan, 1991; Schonfeld & Santiago, 1994; Smith & Smith, 2006; Steggerda, 2003; Younghusband, 2008). Neste tipo de pesquisa qualitativa, as descrições feitas pelos trabalhadores de suas condições de trabalho não seriam cerceadas para se adequarem às alternativas das respostas encontradas em entrevistas estruturadas e questionários, que são os métodos mais utilizados pelos investigadores do stress ocupacional com orientação quantitativa.

O segundo método envolve os investigadores que se situam num local de trabalho (sem ter um cargo neste local) e que observam, de primeira mão, os trabalhadores no trabalho (por ex., Ginsberg et al., 1987; Gomme & Hall, 1995; Kahn, 1993; Kaiman, 1994; Molapo, 2001; Tracy et al., 2006). O terceiro método envolve a observação participativa. Neste caso, o pesquisador consegue o tipo de emprego (Browner et al., 1987; Hutchinson, 1987; Mears & Finlay, 2005; Palmer, 1983; Tewksbury, 1993; vide especialmente Sachar, 1991) que pretende estudar e descreve os elementos do processo do stress ocupacional a partir do local em que ele ocorre. Às vezes, o observador participante obtém uma função parcial no trabalho que inclui algumas, mas não todas, as tarefas do emprego (Browner et al., 1987; C. H. Browner, comunicação pessoal, 20 de setembro de 20, 2007). Embora esta vivência direta no trabalho proporcione uma perspectiva a partir de uma participação direta, os observadores participantes, como os investigadores na segunda categoria, também observam outros trabalhadores de perto e de maneira direta. Embora alguns investigadores chamem de observação participante a análise de muito perto, sem que, necessariamente, o investigador ocupe a mesma função ocupacional dos trabalhadores que estão sendo estudados (por ex., Gomme & Hall, 1995; Tracy et al., 2006), nós não o fazemos.

O magistério é uma ocupação particularmente estressante, pois está baseada num conflito fundamental, a saber, na tensão entre o agente socializador e os que estão sendo socializados (Mykletun, 1985). Os exemplos a seguir mostrarão como a pesquisa qualitativa ajuda a acrescentar profundidade teórica aos achados obtidos de um estudo longitudinal de professores novatos. Esta pesquisa qualitativa inclui as descrições do trabalho feitas pelos próprios professores e a descrição de uma observadora participante do ano em que passou como professora de matemática de uma turma do primeiro ano do ensino médio.

#### *Uma abordagem de orientação quantitativa para medir as condições estressantes da escola*

Para descrever como a pesquisa qualitativa é utilizada em um programa de pesquisa dedicado a professores, primeiramente descreveremos de forma breve a série de estudos de orientação quantitativa e as preocupações de mensuração relacionadas a estes estudos. No marco de dois estudos transversais de professores experientes (Schonfeld, 1990, 1994) e de um estudo longitudinal de professores recém-nomeados (Schonfeld, 1992a, 2001), um de nós desenvolveu instrumentos de auto-relato cujo objetivo era avaliar as exposições dos professores a condições de trabalho adversas.

As escalas de stress ocupacional possuem características de medição sólidas. Os coeficientes alfa das escalas que medem eventos de trabalho que ocorrem de forma

esporádica e condições contínuas de trabalho eram satisfatórios. Nas amostras de professores experientes e novatos, as escalas de stress ocupacional estavam mais relacionadas entre si do que a uma medida de estressores fora do local de trabalho. No estudo longitudinal dos professores novatos, escalas do local de trabalho aplicadas no segundo semestre demonstraram validade convergente e discriminatória: as medidas no local de trabalho, no segundo semestre, estavam mais relacionadas a sintomas depressivos no primeiro semestre e à satisfação no trabalho quatro meses e meio mais tarde, do que a sintomas depressivos pré-emprego no verão e níveis antecipatórios de satisfação com o trabalho, medidos quatro meses antes (Schonfeld, 2000). Comparadas a outras medidas encontradas na literatura sobre o stress ocupacional, as medidas dos estressores dos professores estavam relativamente isentas de contaminação pela afetividade negativa ou *distress* (stress negativo) psicológico prévio (Schonfeld, 1992b, 1996).

Da mesma forma que os pesquisadores com orientação qualitativa, os investigadores com orientação quantitativa levam em consideração a riqueza e teor informativo dos dados coletados por eles. Os investigadores com orientação quantitativa têm mostrado estar muito preocupados com o valor e exatidão dos dados “objetivos” e de auto-relato e fizeram uma reflexão cuidadosa das melhores maneiras para se garantir a validade dos dados quantitativos (Frese & Zapf, 1987; Kasl, 1988). Diante dessas considerações, um de nós obteve dados objetivos e oficiais sobre a qualidade dos locais de trabalho dos novos professores empregados nas escolas públicas da cidade de Nova York. Os dados incluíam índices de agressão física, assaltos e crimes sexuais contra os professores em cada uma das escolas. Um dos objetivos do projeto era estabelecer uma ligação entre os dados oficiais, que eram independentes das respostas dos participantes da cidade de Nova York do estudo longitudinal, com as diversas medidas de resultado, incluindo sintomas depressivos e satisfação com o trabalho. O interessante é que os dados objetivos mostraram ter pouco mérito. Uma auditoria dos dados oficiais revelou a prática disseminada por parte dos administradores encarregados oficialmente de registrar e compilar os delitos cometidos nas escolas da cidade de relatar números menores que os reais (Dillon, 1994); o problema do relato a menor dos incidentes violentos ainda ocorre nas escolas da cidade de Nova York (Gootman, 2007) e de todo o país (Schonfeld, 2006a). As informações (Sachar, 1991; Schonfeld, 1992b) obtidas de forma independente das auditorias foram consistentes com a constatação de que há um problema grave de relato a menor de incidentes violentos. Esta situação chegou ao cúmulo em um caso em que os dados de auto-relato incluídos nas escalas de estressores episódicos e contínuos mencionadas anteriormente apresentavam qualidade superior aos chamados dados objetivos.

A pesquisa longitudinal com professores novatos identificou diferenças médias significativas nos sintomas depressivos e satisfação no trabalho entre os professores novatos que enfrentavam graus diferentes de adversidade nas condições de trabalho (Schonfeld, 2001). Os professores que freqüentemente enfrentavam jovens altamente agressivos e desobedientes tinham uma probabilidade consideravelmente maior de apresentar níveis mais elevados de sintoma depressivo e menor satisfação com o trabalho quando comparados com seus colegas que trabalhavam em circunstâncias mais pacíficas.

O importante é que estas diferenças eram, em grande parte, independentes (a) dos perfis de sintoma antes do emprego, (b) dos níveis antecipatórios de satisfação no trabalho medidos antes de ingressarem no magistério e (c) dos estressores que ocorriam fora do trabalho.

*Dados qualitativos que enriquecem os dados quantitativos*

Como um complemento ao estudo longitudinal, os professores novatos tiveram a oportunidade de escrever, sem nenhuma limitação, sobre suas vivências no trabalho. Com o andamento do estudo longitudinal, centenas de páginas de descrições escritas de suas vidas profissionais foram se acumulando.

Considerando o trabalho exigido pelo lado quantitativo da pesquisa, um investigador com orientação quantitativa pode inicialmente olhar para a pesquisa qualitativa como um espectador interessado; é algo que se adapta melhor aos etnógrafos que buscam descrever subculturas diversas. Ao contrário, as atividades de pesquisa de um investigador quantitativo são mais adequadas à elaboração de escalas, análises de potência, elaboração de programas de computador para identificar conjuntos de respostas, etc., seguindo os cânones metodológicos da pesquisa quantitativa. De que forma se avalia a confiabilidade das caracterizações de seus mundos fenomenais feitas pelos trabalhadores? Apesar das dificuldades envolvidas no “processamento” dos dados qualitativos, uma leitura das descrições dos professores provou ser altamente contundente, exigindo uma análise mais detalhada.

Os dados qualitativos coletados para complementar a pesquisa quantitativa sobre professores novatos forneceram um exame detalhado das transações que ocorrem nas escolas (Schonfeld & Santiago, 1994). Estes dados retratam de maneira vívida as condições de trabalho que dão origem ao *distress* psicológico dos professores. Por exemplo, uma ex-professora do ensino fundamental, que participou do estudo longitudinal, escreveu:

Eu adorava o magistério, mas por causa de minha experiência na P.S. xxx eu duvido que seja capaz de lecionar novamente. Se o fizer, não será para a Secretaria de Educação da cidade de Nova York. No meu emprego atual tenho uma carga horária maior e o trabalho é mais árduo, mas sou uma pessoa muito mais feliz. O stress causado ao se lecionar em uma turma difícil é incrível. Eu chegava em casa chorando todas as noites.

O choro pode ser interpretado como um sintoma de depressão, que é captado nos itens da Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (Radloff, 1977) e na subescala de Depressão do SCL-90 (Derogatis, Lipman, & Covi, 1973). As palavras desta professora e de muitas outras descrevem de maneira muito vívida o contexto humano a que dizem respeito os achados quantitativos. Considere as palavras da seguinte professora do ensino fundamental:

Os alunos de minha escola são fisicamente violentos. Parece que brigar é a única solução para seus problemas. Eu trabalhava antes nesta escola como

professora substituta. É desanimador e deprimente ver que mesmo os alunos da primeira série brigam. Parece não haver amor, amizade ou carinho entre os alunos.

Observe que ela utilizou os termos “desanimador” e “deprimente” para descrever como se sente em relação às transações entre os alunos que ela observou como parte de seu trabalho. O estudo longitudinal constatou que os professores nas escolas mais perigosas e com a pior administração manifestavam níveis elevados de sintomas depressivos (Schonfeld, 2000).

Considere também o medo na próxima professora e seu impacto sobre sua saúde e decisões de vida:

Uma das piores turmas que eu tenho é a quarta série Gates<sup>1</sup> na qual as crianças têm em torno de 13 anos de idade. São crianças muito brutas e eu periodicamente tenho que apartar brigas. Na semana passada eu estava me preparando para dispensar as crianças quando um objeto que parecia um revólver caiu do bolso de um dos alunos. Eu entrei em pânico até que um garoto apanhou o objeto e o virou, e era vermelho e roxo. Nesta turma, eu não teria ficado surpresa se fosse um revólver de verdade. Armas são constantemente retiradas dos alunos nesta turma. Além disso, ultimamente tem havido um grande problema de segurança no edifício. Invasores entraram no prédio várias vezes. Na semana passada, os alunos disseram que estavam sendo ameaçados por um homem com uma faca e um revólver. Desde que comecei a lecionar minha saúde piorou. Eu sempre acabo pegando a doença dos alunos e estou com um problema semelhante a uma úlcera. Ano passado eu tinha a saúde perfeita. Eu decidi que já que tenho as qualificações necessárias, daqui a dois anos foi começar a faculdade de direito.

A pesquisa do observador participante, uma outra forma de pesquisa qualitativa, também lança luz sobre as condições de trabalho dos professores. Emily Sachar (1991), que foi jornalista, largou seu emprego em um jornal para obter um cargo de professora em uma das escolas mais caóticas de Nova York, a Escola de Ensino Médio Walt Whitman, no Brooklyn. Como uma observadora participante, ela escreveu um verdadeiro relato etnográfico de um ano na vida de uma professora de matemática. Ela descreveu um alto nível de desrespeito e insulto cotidiano:

Meus problemas com o Jimmy logo pioraram. Na terceira semana, ele arrumou uma brincadeira ritual – levantar a mão constantemente para fazer perguntas que não tinham nada a ver com o assunto da aula. Eu sempre caía direitinho. Suas perguntas a princípio eram bastante inocentes. “Senhora Sachar, posso tomar água? Estou com a garganta seca” ou “Senhora Sachar, que tal uma noite sem lição de casa?”. O tom inocente não durou muito. Um dia, depois de sacudir a mão freneticamente, Jimmy perguntou, “Senhora Sachar, de onde vêm os bebês?” Eu calmamente pedi que ele falasse com o orientador de saúde. Outro dia ele perguntou, “Senhora Sachar, a senhora gosta de transar?... A

senhora tem orgasmos, Senhora Sachar?... A senhora se masturba, Senhora Sachar?” (pp. 76-77)<sup>2</sup>

Este aluno não era uma raridade.

Mais tarde, Sachar (1991) escreveu:

Nós só fomos oficialmente informados sobre o incidente do revólver na reunião mensal de professores no dia 23 de janeiro [cerca de três semanas após o incidente]. Então, ficamos sabendo que uma aluna quase morreu no acidente. Winfield [o diretor] nos contou que um garoto de doze anos de idade havia trazido um revólver carregado para a escola e que o mesmo havia disparado acidentalmente na classe. A bala atravessou e fez um grande buraco no casaco de uma menina que estava sentada a seu lado, depois ricochetou em uma carteira. “Se a menina tivesse seios maiores, eles teriam sido arrancados” disse Winfield, “e se ela estivesse sentada numa outra posição, provavelmente estaria morta”. (p. 146)<sup>2</sup>

Apesar da gravidade da situação, ficou claro que o diretor não levava a situação a sério.

Sachar (1991) prosseguiu:

Este foi apenas o primeiro de uma série de incidentes envolvendo armas. Em fevereiro, um supervisor me contou que uma garota da sexta série bateu na cabeça de um aluno com um martelo e foi suspensa por cinco dias. Uns dias depois, um outro aluno da sexta série trouxe para a escola uma espingarda calibre 36 feita sob medida e foi preso. O garoto havia tomado a arma emprestada de seu irmão de quatorze anos, um traficante, para assustar outro aluno na escola que “lhe estava causando problemas”. Um detetive da delegacia local disse que o garoto não se mostrou arrependido: “Na verdade, ele era bastante insensível”. (p. 146)<sup>2</sup>

Para piorar ainda mais problemas como estes, Sachar (1991) observou que muitos administradores não estavam dispostos a ajudar os professores a lidar com os problemas de gerenciamento na sala de aula. Por outro lado, Sachar (1991) observou que os administradores tendiam a minimizar os relatos de violência escolar.

O material qualitativo de Barry Farber (1991), em seu livro sobre o *burnout* em professores, retrata um jovem professor idealista em uma escola de um bairro carente. Farber descreveu seus problemas constantes para controlar sua turma, a falta de ajuda de um diretor que, no mais, era muito “carinhoso” e como ele se sentia “acabado” no final do dia.

Sachar (1991) também descreveu o ônus físico do emprego, incluindo a exaustão e outras queixas físicas. Ela escreveu: “eu liguei para este professor num certo domingo

para conversar sobre o ano seguinte e para focar um pouquinho sobre a administração da escola”.

“Estou no meio de uma crise de diarreia”, ele disse.

“O que houve”? Comeu algo estragado?”

“Sabe qual é o problema”, meu amigo disse. “Tenho que voltar para lá daqui a dois dias”.

“Tratava-se de um professor experiente com uma boa reputação na Whitman, um homem de cuja companhia eu desfrutei durante o ano”. Depois, ele relatou o seguinte: “Sinto-me desamparado. Temos um diretor que diz que a escola é ótima quando a escola na verdade é uma droga. Ele fala sobre estes ótimos programas que foram implantados” (p. 215).<sup>2</sup> Outros professores falaram de depressão crônica.

#### *Entendendo os dados qualitativos*

Considerando-se a grande quantidade de material coletado sobre professores novatos no estudo longitudinal, o projeto precisava de um método para classificar os escritos dos professores. Brenner (2006) sugeriu um referencial analítico para dados de entrevista que consiste em cinco fases: transcrição, descrição, análise, interpretação e apresentação. Embora ela os tenha apresentado como uma progressão linear, enfatizou que trabalhar com dados é, muitas vezes, um processo cíclico. Neste caso, a transcrição era relativamente fácil, pois os dados já estavam escritos.

A partir dos dados qualitativos coletados no estudo longitudinal, um conjunto provisório de temas surgiu “naturalmente” a partir dos escritos dos professores novatos de acordo com um método descrito por Farrell (1990). O objetivo dos leitores era seguir o princípio de que nenhuma teoria preconcebida deve orientar este estágio da pesquisa qualitativa, sendo que os leitores seguiam a máxima inovadora de Glaser e Strauss (1967) que apresentaram a visão de que a teoria surge a partir dos dados. É claro que a idéia de que categorias importantes surgem a partir dos dados é idealizada. Popper (1963) destacou o fato de que “a observação é sempre seletiva” e que parte do que se observa é pressuposto por uma série de fatores. Não obstante, os métodos qualitativos têm um papel a desempenhar na pesquisa sobre o stress ocupacional.

Obviamente, dever-se-ia observar que os pesquisadores qualitativos contestam os cientistas sociais positivistas em relação ao papel da metodologia. Kirk e Miller (1986) sustentam que as definições quantitativas de confiabilidade e validade são raramente apropriadas à forma como os pesquisadores qualitativos trabalham. Eles argumentam em prol de uma validade teórica, e não aparente. Eles são menos condescendentes ao discutir a confiabilidade, chamando de confiabilidade quixotesca um único método de observação que produz continuamente uma medida sem variação. Eles apóiam a ligação dos dois conceitos, embora reconheçam que ambos têm suas vantagens e desvantagens ao se realizar pesquisa qualitativa. Os pesquisadores qualitativos ficam mais inclinados a considerar a validade como o conceito mais importante, utilizando controles

experimentais e triangulação para aumentar a objetividade (cf. Goodwin et al., 1997; Hugentobler et al., 1992; Kidd et al., 1996).

Apesar das admoestações de Kirk e Miller (1986) sobre a confiabilidade, Schonfeld e Santiago (1994) precisavam de uma maneira de conseguir entender centenas de páginas de descrições feitas pelos professores de suas condições de trabalho que foram coletadas no contexto do estudo longitudinal. Depois da análise inicial do conteúdo, os dois leitores leram independentemente cerca de setenta e cinco escritos, classificando-os segundo um conjunto provisório de temas. Depois que os leitores examinaram suas discordâncias, eles alteraram ligeiramente o esquema de classificação. Os leitores, então, passaram a classificar outra série de cerca de setenta e cinco descrições utilizando o esquema revisado, verificaram a confiabilidade com que classificaram os escritos e fizeram ajustes adicionais no esquema de classificação com base nas discordâncias. Eles foram gradualmente aperfeiçoando o conjunto inicial de categorias de forma independente. Com o conjunto final de categorias, a dupla de leitores obteve coeficientes *kappa* (Cohen, 1960) de 0,79 ou maiores para cada uma das categorias, indicando um nível satisfatório de concordância interavaliador. *Todos* os escritos dos professores foram relidos e classificados com base no esquema de classificação final.

Com raras exceções (Isaksen, 2000; Keenan & Newton, 1985; Kidd et al., 1996; MacDonald & Korabik, 1991, Schonfeld & Santiago, 1994), entre os quarenta estudos sobre o stress ocupacional organizados de forma qualitativa revisados pelos autores, a maioria dos investigadores não aplicou o *kappa* para avaliar a confiabilidade de seus resultados. Kidd et al. (1996) fizeram um relato sobre uma verificação da validade que envolveu a aplicação exitosa de seu esquema de codificação de estressores no setor agrícola que eles desenvolveram para uma amostra de agricultores, a uma outra amostra de agricultores. Goodwin et al. (1997) desenvolveram uma verificação da validade fazendo com que (1) vendedores examinassem as transcrições de suas respostas a uma entrevista semi-estruturada e (2) especialistas externos revisassem as transcrições e códigos nesta pesquisa sobre as reações de vendedores a um importante estressor no trabalho. Embora a maioria das pesquisas qualitativas seja, por definição, interpretativa (Erickson, 1986; Farrell, Pegero, Lindsey, & White, 1988; Rabinow & Sullivan, 1987), nós sugerimos que algumas das ferramentas (por ex., *kappa*) empregadas pelos pesquisadores quantitativos podem ser utilizadas para reforçar a pesquisa qualitativa.

#### *Quatro temas surgem a partir dos dados dos professores*

Quatro categorias surgiram a partir das descrições dos professores novatos: (a) tensões interpessoais e falta de apoio entre colegas/supervisores, (b) satisfação com o emprego, (c) violência e outros problemas de segurança e (d) problemas de administração da sala de aula. As descrições dos professores às vezes refletiram mais de um tema. Os temas destacam os problemas com os quais os pesquisadores do stress ocupacional de orientação quantitativa têm se debatido. Os dois primeiros temas a surgir dos escritos dos professores coincidem com a literatura da pesquisa quantitativa sobre o apoio social. Muitos professores novatos descreveram seu *distress* quando os supervisores se ausentaram de sua função de supervisão ou quando eles conseguiram emprego em escolas caracterizadas por tensões interpessoais entre os professores ou entre os professores e os

administradores. Por outro lado, quando os professores novatos relatavam estar satisfeitos com seus empregos, eles muitas vezes descreveram a importância de bons relacionamentos com colegas e supervisores para seu bem-estar e sucesso na administração da sala de aula. Por exemplo, uma professora da quarta série de uma escola católica escreveu:

Onde eu trabalho, os professores são muito unidos. Eles se ajudam mutuamente quando necessário. Só há um [outro] professor que também está lecionando pela primeira vez e somos muito unidos. Nós geralmente falamos sobre a escola e nossa vida pessoal, mas não fazemos nenhum tipo de atividade de lazer juntos.

Embora algumas escolas religiosas ofereçam pistas importantes para a melhoria em escolas públicas (Bryk, Lee, & Holland, 1993), a professora mencionada acima acabou se queixando das dificuldades que ela tinha para pagar todas as contas, pois ganhava um salário bem menor que suas colegas que trabalhavam em escolas públicas. De forma geral, quando os professores expressaram satisfação com seus empregos, eles tendiam a mencionar colegas e administradores confiáveis que estavam dispostos a ajudá-los (Schonfeld & Santiago, 1994).

O tema da violência nas escolas é especialmente preocupante. O comportamento violento e excessivamente agressivo aparece frequentemente na pesquisa qualitativa sobre professores (Engelbrecht et al., 2003; Ginsberg et al., 1987; Schonfeld & Santiago, 1994; Smith & Smith, 2006; Steggerda, 2003; Youngusband, 2008). Estes relataram as conseqüências pessoais de terem sido vitimados por alunos violentos. Eles também relataram terem sido afetados pela *perspectiva* de violência, mesmo em ocasiões em que a violência dos alunos não se concretizou. Para muitos professores, a violência muitas vezes parecia estar à espreita. A situação é suficientemente preocupante para justificar preocupação em termos de saúde pública.

Além da violência, os professores descreveram alunos que eram verbal, se não fisicamente, agressivos (por exemplo, o aluno Jimmy da professora Sachar). A perturbação causada pelo comportamento de alguns alunos sabotava as lições, causava interrupções nas aulas, que eram dadas aos trancos e barrancos, quando eram dadas. Portanto, mesmo quando os professores não se tornavam vítimas da violência, eles se preocupavam em se tornar o alvo de comportamento endemicamente desrespeitoso que dificulta a administração da sala de aula.

Os achados qualitativos que acabaram de ser descritos sugerem que, se as tradições da pesquisa quantitativa e qualitativa puderem ser ligadas, um quadro mais verdadeiro e preciso pode surgir, mostrando como é trabalhar em vários ambientes escolares diferentes e quais são as conseqüências destes ambientes para os professores. Os achados qualitativos fornecem um contexto para a descoberta (Reichenbach, 1951) de insights que contribuem para uma teoria do stress no trabalho. A investigação de observador participante de Sachar (1991) e o estudo das descrições de professores de seus empregos feito por Schonfeld e Santiago (1994) fornecem insights sobre por que trabalhar em algumas escolas pode ser extremamente estressante.

Embora haja um grande número de diferentes modelos do processo de stress (Dohrenwend & Dohrenwend, 1981), um modelo do processo do stress que deve surgir dos achados qualitativos do estudo longitudinal e do trabalho de Sachar (1991) se encaixa com a teoria do stress da tríade patogênica de Dohrenwend (1979).

Dohrenwend (1979), ao revisar as pesquisas sobre situações extremas, constatou que eventos de vida estressantes podem causar uma psicopatologia em indivíduos nos quais não havia previamente indícios de psicopatologia. Isto não significa que os professores encontram-se numa posição semelhante à infantaria de combate. As pesquisas, contudo, sugerem que combinações de eventos de vida indesejáveis são especialmente perniciosas quando estes eventos (a) são inesperados, não programados e estão fora do controle do indivíduo; (b) levam à exaustão física; e (c) diminuem o apoio social. Os elementos da teoria do stress de Dohrenwend (1979) são bem ilustrados pelos exemplos acima. Fica claro que muitos professores são afetados por um nível perigoso de violência nas escolas que é uma causa de ansiedade.

Além disso, é improvável que indivíduos com formação acadêmica que estão tentando entrar numa profissão pudessem imaginar que a violência e comportamentos endemicamente mal-educados e desrespeitosos estariam presentes nas condições diárias de trabalho. Louis (1980) destacou o efeito desmoralizador das expectativas irrealistas que muitos trabalhadores trazem para seus empregos. Por outro lado, entre os indivíduos que entram para o magistério somente para trabalhar nas escolas mais caóticas e ameaçadoras, as expectativas comuns em relação à segurança no local de trabalho e respeito não são atendidas (ver também Steggerda, 2006).

Os achados qualitativos do estudo longitudinal, mais que os resultados quantitativos, destacam o *choque* e a falta de controle dos encontros dos professores com alunos agressivos (Schonfeld & Santiago, 1994; Smith & Smith, 2006), mostrando a aplicabilidade da teoria do stress de Dohrenwend (1979) ao ensino. Os achados do estudo de observador participante de Sachar (1991) também ressaltam esta sensação de choque quando os professores se deparam com tanta violência e desrespeito como uma parte normal e, com muita frequência, incontrolável de seu papel no trabalho. A sensação de violência e choque é ilustrada por um incidente, desta vez no bairro da escola de Sachar (1991), no qual um aluno da escola Walt Whitman, que começou a apresentar comportamento de *bullying* (assédio moral) contra outro aluno da escola, colocou fogo neste aluno, queimando gravemente e quase matando a vítima. O evento aterrorizante trouxe à mente as palavras da pessoa que deu nome à escola “Eu sofri, e sofrerei com o retorno de cada primavera”.

Alguns dos achados qualitativos descritos acima ressaltam outro elemento da tríade patogênica. Embora os exemplos citados anteriormente sugiram que a exaustão pode acompanhar o trabalho, esta exaustão não significa que os professores estão mal condicionados. Um professor novato, que contribui com dados qualitativos a um estudo piloto, havia sido corredor cross-country e participava de competições universitárias de atletismo. Ele conseguiu um emprego em uma escola de ensino médio na cidade de Nova York na qual somente uma pequena proporção dos alunos lê de acordo com o nível de

sua série. Ele relatou que ia para a cama logo depois de chegar em casa do trabalho, por volta das dezesseis horas. Ele atribuía sua fadiga a duas fontes: a energia que ele gastava tentando manter a ordem em suas salas de aula e ao ruído dilacerante da conversa alta e gritaria dos alunos, que tomava conta de todo o prédio da escola o dia todo. Um dos supervisores da escola, que havia atuado em um importante time de futebol americano universitário, havia se transformado em um fumante inveterado, fumando três maços de cigarro por dia.

Conforme mencionado, os professores no estudo longitudinal que relataram estar satisfeitos com o trabalho freqüentemente indicavam que as relações amistosas com os colegas de trabalho e, às vezes, com os administradores contribuía para esta sensação de satisfação. Por outro lado, outros professores novatos que participaram do estudo longitudinal se queixavam de serem isolados por seus colegas mais experientes. Eles descreviam administradores que raramente os ajudavam a desenvolver as habilidades necessárias para administrar as salas de aula. Sachar (1991) descreveu um diretor que raramente ajudava os professores novatos a se ajustar à sala de aula, freqüentemente isolando-se em sua sala e um supervisor que raramente ajudava os professores com os alunos violentos, que estavam sob sua responsabilidade em termos de disciplina; a falta de envolvimento do diretor continuou durante anos após Sachar sair da escola, terminando somente quando foi exonerado de seu cargo por não ter tomado nenhuma providência em relação a um caso de abuso sexual (Steinberg, 1997). Os eventos e condições que negam o apoio individual fazem parte da tríade patogênica.

A descrição feita por Sachar como observadora participante (1991) de uma escola pública urbana e os dados qualitativos do estudo longitudinal indicam claramente que muitas das dificuldades enfrentadas pelos professores vêm em um pacote, se não como uma tríade. Numa mesma escola, é possível observar muitos alunos perturbados e violentos que impedem a instrução eficaz para todos os alunos e que também colocam a segurança de todos em perigo; administradores que não se esforçam para ajudar os professores a adquirir habilidade e competência e um ambiente que, de forma geral, é mal administrado, isolador, sujo e barulhento, um local de trabalho de onde os professores voltam para casa exaustos. A pesquisa qualitativa, portanto, pinta um quadro que sugere que alguns ambientes escolares são bastante prejudiciais a qualquer candidato à carreira do magistério com expectativas comuns em relação ao início em uma profissão honrosa.

#### *Pontos fortes e limitações da pesquisa qualitativa e quantitativa*

A pesquisa qualitativa não ajudará os investigadores a testarem hipóteses derivadas da teoria e, obviamente, tampouco é esse seu objetivo. A história da ciência, contudo, indica que o ponto forte da observação qualitativa – nós incluímos a observação prática, não controlada – reside no desenvolvimento de teorias e na geração de hipóteses. Nós destacamos quatro exemplos de diferentes áreas da medicina para ressaltar este ponto. Escolhemos a medicina devido ao valor que a pesquisa tem tido para o bem-estar de um grande número de pessoas. Primeiramente, rumo à conquista da varíola pela humanidade, o que poderia ser chamado de observações qualitativas, freqüentemente feitas por pessoas comuns muito antes da descoberta de uma vacina por Jenner, que sugeriam a proto-hipótese de que a inoculação de indivíduos suscetíveis com pequenas quantidades de

secreção das pústulas de indivíduos afetados confere imunidade contra a doença aos indivíduos inoculados (Hopkins, 1983; Razzell, 1977). Esta experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma teoria do contágio e ajudou a desbancar as, então vigentes, teorias humorais da varíola (Miller, 1957).

De forma semelhante, a experiência dos marinheiros na época de Francis Drake sugeria que frutas frescas, especialmente cítricas, previnem e curam o escorbuto (Carpenter, 1981). Carpenter (1981) demonstrou que, a partir do começo do século XVII, os homens da Empresa da Baía de Hudson mantinham o escorbuto a um nível mínimo enviando pequenas quantidades de suco de limão com suas tripulações. Nós podemos chamar isto de uma hipótese de ação baseada em dados observacionais qualitativos. Quando legumes frescos não estavam disponíveis, a caça fresca, fornecida pelos caçadores da Baía do Hudson durante todo o ano, mantinha o escorbuto afastado. Nos séculos XVIII e XIX surgiram várias teorias equivocadas sobre a doença (por ex., climas frios e úmidos, deficiência de potássio) que levavam a tratamentos e medidas preventivas ineficazes. Posteriormente, pesquisas altamente controladas, baseadas em pistas fornecidas pela observação não controlada feita anteriormente, estabeleceram uma relação entre a vitamina C e a prevenção do escorbuto.

A descoberta dos efeitos protetores do flúor começou com observações não controladas feitas por dentistas que descreveram esmalte dentário com manchas marrons em crianças que viviam em uma região das Montanhas Rochosas (Black & McKay, 1916). Black e McKay (1916) acreditavam ter identificado um novo tipo de patologia dentária, observando o “efeito pernicioso geral sobre a aparência do indivíduo” (p. 142). Eles observaram que a quantidade de manchas estava diretamente relacionada à idade que as crianças tinham quando se mudaram para a região e que “em relação às cáries, os dentes destas crianças eram melhores do que as crianças de outras comunidades onde o esmalte dentário manchado endêmico é desconhecido” (p. 145). Mais de dez anos mais tarde, as manchas foram relacionadas à presença de flúor na água e também a uma menor incidência de cáries dentárias (Ainsworth, 1932). Estas observações iniciais prepararam o caminho para pesquisas controladas, baseadas em hipóteses sobre a proteção contra a cárie dentária conferida pelo flúor (Ward & Miller, 1978).

Na psiquiatria, a observação clínica não controlada foi a primeira a identificar o autismo infantil (Kanner, 1943), uma síndrome que reflete “a presença de desenvolvimento notavelmente anormal na interação social e comunicação e um repertório notavelmente restrito de atividade e interesses” (American Psychiatric Association, 1994, p. 66). A síndrome é diferente de outros transtornos mentais debilitantes, incluindo a esquizofrenia. A descrição do estudo de caso da síndrome feita por Kanner tem sido bem sustentada pela literatura de pesquisa (Rimland, 1964; Rutter & Schopler, 1979). A descrição de Kanner do comportamento extremamente incomum e de desenvolvimento muito precoce associado ao transtorno sugeriu uma causa orgânica (Rimland, 1964).

Estes exemplos da história da ciência enfatizam, apesar de serem extraídos de diferentes contextos, uma idéia ressaltada por Kidd et al. (1996), a saber, que “os

métodos qualitativos são preferidos aos quantitativos quando há pouca informação conhecida a respeito de um fenômeno, quando a aplicabilidade do que é conhecido não foi examinada ou quando há motivo para duvidar do conhecimento aceito sobre um determinado fenômeno” (p. 225; cf. Goodwin et al., 1997). Por outro lado, quando os métodos qualitativos são empregados em um campo que já foi bem explorado, é provável que os insights teóricos que surjam a partir dos dados se relacionem a teorias existentes.

Popper (1963) tinha razão em relação à natureza seletiva da observação. É demasiadamente irrealista acreditar que a teoria surgirá a partir de dados qualitativos não contaminada pela exposição prévia do investigador a achados de pesquisa e teorias existentes. Por exemplo, na pesquisa sobre estressores que afetam os agricultores, um esquema de codificação para estressores foi desenvolvido com base em um dicionário de codificação desenvolvido a partir de literatura existente sobre os estressores no setor agrícola (Kidd et al., 1996). Blase (1986; Blase & Pajak, 1986), em sua pesquisa qualitativa sobre professores, constatou que a sobrecarga de trabalho é um estressor proeminente, embora a literatura de orientação quantitativa já houvesse considerado este efeito da sobrecarga em pesquisas que antecederam à dela. Apesar de seguir o cânone de Glaser e Strauss (1967) de deixar que categorias teoricamente importantes surjam a partir dos dados, Goodwin et al. (1997), em um dos estudos qualitativos mais sólidos do ponto de vista metodológico que nós revisamos, encontrou estratégias de *coping* focadas em problemas e na emoção nas reações de vendedores à perda de contas importantes, estratégias de *coping* há muito conhecidas pelos investigadores de orientação quantitativa. Schonfeld e Santiago (1994) anteciparam temas relacionados ao stress da melhor forma que podiam, mas “tomaram cuidado para evitar impor [a teoria existente] sobre os dados”. Schonfeld e Santiago estavam cientes de que deveriam entrar na fase qualitativa da pesquisa com a mente aberta e deixar que os temas e teorias surgissem a partir dos dados *à la* Glaser e Strauss (1967); não obstante, eles estavam cientes da existência da tríade patogênica de Dohrenwend (1979), bem como de outros modelos do processo de stress. Há, portanto, uma tensão inevitável na pesquisa qualitativa.

Há mais duas limitações à pesquisa qualitativa que precisam ser mencionadas. Uma delas é o problema da reatividade. As pessoas que são observadas às vezes mudam em resposta à presença de um observador (Shai, 2002). A segunda é a preocupação de que o pesquisador pode apresentar uma identificação excessiva com os trabalhadores que estão sendo observados. O primeiro autor foi professor de matemática e estava preocupado com a possibilidade de se identificar demais com os professores o que, por sua vez, afetaria sua interpretação dos achados qualitativos. Uma forma de superar, pelo menos parcialmente, estas limitações é através do emprego de vários observadores e de vários intérpretes e submeter as hipóteses geradas pela pesquisa qualitativa a um teste rigoroso utilizando métodos quantitativos.

Não obstante, a pesquisa qualitativa é valiosa, mesmo em áreas em que já se sabe muito. Insights obtidos a partir da pesquisa qualitativa podem chamar a atenção a novas formas de classificar os dados quando estes são relativamente desestruturados (Blase & Pajak, 1986). Mesmo em caminhos de pesquisa já bastante percorridos, os métodos qualitativos podem fornecer idéias novas surpreendentes. Os métodos qualitativos podem

identificar estressores ocupacionais importantes que passaram despercebidos pelas pesquisas. Por exemplo, incidentes que envolvem a perda de tempo entre engenheiros (Keenan & Newton, 1985) e dificuldades que as gerentes têm em motivar seus subordinados (MacDonald & Korabik, 1991) são estressores que passaram despercebidos em pesquisas anteriores. A pesquisa qualitativa ajudou a identificar respostas de *coping* como atividades de autocuidado em enfermeiras (Hutchinson, 1987) que passaram despercebidas em pesquisas anteriores. Seja em áreas bem estudadas ou em áreas novas de pesquisa, os métodos qualitativos podem ajudar os investigadores a entender o significado e a intensidade dos incidentes estressantes para os trabalhadores (Dewe, 1989; Dick, 2000; Isaksen, 2000; Jex et al., 1997; Polanyi & Tompa, 2004; Steggerda, 2003), ajudando a lançar as bases para o teste de hipóteses e a construção de escala na pesquisa quantitativa.

Deve-se observar que os dados quantitativos e qualitativos têm sido mal interpretados. Gould (1981) cita inúmeros exemplos de problemas de interpretação de dados quantitativos em seu levantamento sobre as primeiras pesquisas sobre inteligência humana e raça. Um exemplo de problema de interpretação de dados qualitativos vem de Kanner (1943, 1949) que descreveu os pais de crianças autistas como extremamente frios e que não demonstravam os sentimentos; na imprensa popular, ele chegou até mesmo a descrevê-los como “eles por acaso se descongelaram o suficiente para produzir um filho” (O filho é pai, 1960, p. 78). Mesmo se as observações de Kanner fossem precisas, a pesquisa quantitativa mostrou que as observações só se aplicariam à amostra clínica de Kanner e não seriam representativas da população de pais de crianças autistas<sup>3</sup>. Uma boa quantidade de teorias surgiu após os artigos de Kanner sugerindo que a personalidade e o comportamento dos pais contribuíam para a etiologia do transtorno (Cantwell, Baker, & Rutter, 1979; McAdoo & DeMeyer, 1979). Embora a maior parte dos indícios provenientes de estudos rigorosamente delineados e organizados de maneira quantitativa seja mais compatível com teorias causais biológicas do que psicológicas do autismo (Dawson & Castelloe, 1992; Dawson & Osterling, 1997; Rutter & Schopler, 1979), um efeito indesejado das teorias psicogênicas que surgiram a partir da pesquisa observacional qualitativa é que isso piora o *distress* dos pais de crianças com deficiência mental, sugerindo, falsamente, aos pais que seus cuidados inadequados deram origem à deficiência de seus filhos (Rimland, 1964).

O presente artigo apresenta a visão de que a observação qualitativa e os métodos quantitativos na pesquisa sobre o stress ocupacional ajudam os investigadores a buscar atingir um objetivo comum, a saber, entender e fazer algo em relação aos estressores que afetam os trabalhadores. A história da pesquisa científica nos ensina que a investigação observacional não controlada tem contribuído significativamente para as teorias da etiologia de transtornos físicos e mentais. As descrições feitas por professores e por observadores participantes das atividades de trabalho cotidianas contribuíram para as teorias do stress dos professores (Jackson, 1968; Kohl, 1976).

No entanto, é importante enfatizar os limites da pesquisa quantitativa e observacional qualitativa. A pesquisa qualitativa não deve substituir métodos quantitativos de verificação apropriados; a pesquisa qualitativa não se presta ao teste de

hipóteses. Considere o dano causado pelos pesquisadores qualitativos (por ex., Bettelheim, 1967) que, com base em indícios observacionais clínicos não controlados, atribuíram, de maneira equivocada, o autismo a problemas de comportamento dos pais (vide Pollak, 1997) ou que erroneamente atribuíram a esquizofrenia a uma “deturpação grave e rejeição precoce” de figuras importantes como a chamada “mãe esquizofrenogênica” (Fromm-Reichmann, 1948). A pesquisa qualitativa pode ser útil em contextos de descoberta; a pesquisa quantitativa é mais aplicável à compreensão de diferenças mensuráveis em fenômenos independentes do que a “descrições genéricas” (Geertz, 1973) dos trabalhadores em ambientes que causam stress. Ao mesmo tempo, enfatizamos o fato de que seria lamentável descartar os métodos quantitativos como fonte de insight teórico. Os métodos quantitativos também têm um papel importante no contexto da descoberta. Por exemplo, Trow (1957) disse que os dados quantitativos brutos de Durkheim (1897/1951), dados que estavam muito distanciados do contexto vivencial, acrescentaram “muito a nossa compreensão de alguns dos aspectos mais complexos e sutis da vida social” (p. 35).

Os quatro temas que surgiram a partir de nossa análise dos dados qualitativos produzidos pelos estudos sobre professores foram incorporados às perguntas de pesquisa relevantes às análises dos dados quantitativos gerados pelo estudo longitudinal (Scholfeld, 2001). Tanto o contexto de descoberta, quanto o de verificação são essenciais ao processo de pesquisa (Reichenbach, 1951). Nós apresentamos a visão de que, na pesquisa sobre o stress ocupacional, os métodos qualitativos podem ser úteis no contexto da descoberta porque estes métodos podem contribuir para (a) o desenvolvimento de teorias, (b) a geração de hipóteses, (c) a identificação de estressores e respostas de *coping* até então não identificados e (d) uma descrição vívida de transações estressantes que humaniza o que os pesquisadores de orientação quantitativa procuram estudar.

### Referências bibliográficas

- Ainsworth, N. J. (1932). Mottled teeth. *British Dental Journal*, 55, 233-250.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental and disorders* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Bettelheim, B. (1967). *The empty fortress: Infantile autism and the birth of the self*. New York: Free Press.
- Black, G. V., & McKay, F. S. (1916). Mottled teeth; endoic developmental imperfection of the enamel. *Dental Cosmos*, 58, 129-156.
- Blase, J. J. (1986). A qualitative analysis of sources of teacher stress: Consequences for performance. *American Educational Research Journal*, 23, 13-40.
- Blase, J. J., & Pajak, E. F. (1986). The impact of teachers' work life on personal life: A qualitative analysis. *Alberta Journal of Educational Research*, 32, 307-322.
- Brenner, M. E. (2006). Interviewing in educational research. In J.L. Green, G. Camilli, & P. B. Elmore (Eds.), *Handbook of complementary methods in education research* (pp. 357-370). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Browner, C. H., Ellis, K. A., Ford, T., Silsby, J., Tampoya, J., & Yee, C. (1987). Stress, social support, and health of psychiatric technicians in a state facility. *Mental Retardation*, 25, 31-38

- Bryk, A. S., Lee, V. E., & Holland, P. B. (1993). *Catholic schools and the common good*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Büssing, A., & Glaser, J. (1999). Work stressors in nursing in the course of redesign: Implications for burnout and interactional stress. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 8, 401-426.
- Cantwell, D. P., Baker, L., & Rutter, M. (1979). Family factors. In M. Rutter & E. Schopler (Eds.), *Autism: A reappraisal of concepts and treatment* (pp. 269-296). New York: Plenum.
- Carpenter, K. J. (1986). *The history of scurvy and vitamin C*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Carradice, A., Shankland, M. C., & Beail, N. (2002). A qualitative study of the theoretical models used by UK mental health nurses to guide their assessments with family caregivers of people with dementia. *International Journal of Nursing Studies*, 39, 17-26.
- Cohen, J. (1960). A coefficient of agreement for nominal scales. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 37-46.
- Cresswell, J. W. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (2<sup>nd</sup> ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dawson, G., & Castelloe, P. (1992). Autism. In C. E. Walker & M. C. Roberts (Eds.) *Handbook of clinical child psychology* (pp. 375-397). Wiley: New York.
- Dawson, G., & Osterling, J. (1997). Early intervention in autism. In M. J. Guralnick (Ed.). *The effectiveness of early intervention*. Baltimore: Brookes.
- Derogatis, L. R., Lipman, R. S., & Covi, L. (1973). SCL-90: An outpatient psychiatric rating scale. *Psychopharmacology Bulletin*, 9, 13-28.
- Dewe, P. J. (1989). Examining the nature of work stress: Individual evaluations of stressful experiences and coping. *Human Relations*, 42, 993-1013.
- Dick, P. (2000). The social construction of the meaning of acute stressors: A qualitative study of the personal accounts of police officers using a stress counselling service. *Work and Stress*, 14, 226-244.
- Dohrenwend, B. P. (1979). Stressful life events and psychopathology: Some issues of theory and method. In J. E. Barrett, E. M. Rose, & G. L. Klerman (Eds.), *Stress and mental disorder* (pp. 1-15). New York: Raven.
- Dohrenwend, B. S., & Dohrenwend, B. P. (1981). Life stress and illness: Formulation of the issues. In B. S. Dohrenwend & B. P. Dohrenwend (Eds.), *Stressful life events and their contexts*. New York: Prodist.
- Durkheim, E. (1951). *Suicide, a study in sociology*. (J. A. Spaulding & G. Simpson, Trans.). Glencoe, IL: Free Press. (Original work published 1897)
- Engelbrecht, P., Oswald, M., Swart, E. & Eloff, I. (2003). Including learners with intellectual disabilities: Stressful for teachers? *International Journal of Disability, Development and Education*, 50, 293-308.
- Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M. C. Whitrock (Ed.), *Handbook on research in teaching* (3rd ed., pp. 119-161). New York: Macmillan.
- Farber, B. A. (1991). *Crisis in education: Stress and burnout in the American teacher*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Farber, B. (2000). Treatment strategies for different types of teacher burnout. *Journal of Clinical Psychology, 56*, 675-689.
- Farrell, E., Pegero, G., Lindsey, R., & White, R. (1988). Giving voice to high school students: Pressure and boredom, ya know what I'm sayin'? *American Educational Research Journal, 25*, 489-502.
- Farrell, E. (1990). *Hanging in and dropping Out: Voices of at risk high school students*. New York: Teachers College Press.
- Fleiss, J. L. (1981). *Statistical methods for rates and proportions* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Frese, M., & Zapf, D. (1988). Methodological issues in the study of work stress: Objective vs subjective measurement of work stress and the question of longitudinal studies. In C. L. Cooper & R. Payne (Eds.), *Causes, coping and consequences of stress at work* (pp. 375-411). Chichester: Wiley.
- Fromm-Reichmann, F. (1948). Notes on the development of treatment of schizophrenia by psychoanalytic psychotherapy. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes, 11*, 263-273.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: Selected essays*. New York: Basic Books.
- Ginsberg, R., Schwartz, J., Olson, G., & Bennett, A. (1987). Working conditions in urban schools. *The Urban Review, 19*, 3-23.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- Gomme, I. M., & Hall, M. P. (1995). Prosecutors at work: Role overload and strain. *Journal of Criminal Justice, 23*, 191-200.
- Goodwin, C., Mayo, M., & Hill, R. P. (1997). Salesperson response to loss of a major account: A qualitative analysis. *Journal of Business Research, 40*, 167-180.
- Gootman, E. (2007, September 20). Undercount of violence in schools: Defective reporting is found at 10 sites. *The New York Times*, pp. B1, B4.
- Gould, S. J. (1981). *The mismeasure of man*. New York: Norton.
- Griffith, J. A., & Brem, S. K. (2004). Teaching evolutionary biology: Pressures, stress, and coping. *Journal of Research in Science Teaching, 41*, 791-809.
- Hopkins, D. R. (1983). *Princes and peasants: Smallpox in history*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hugentobler, M. K., Israel, B. A., & Schurman, S. J. (1992). An action research approach to workplace health: Integrating methods. *Health Education Quarterly, 19*, 55-76.
- Hutchinson, S. (1987). Self-care and job stress. *Image: Journal of Nursing Scholarship, 19*, 192-196.
- Isaksen, J. (2000). Constructing meaning despite the drudgery of repetitive work. *Journal of Humanistic Psychology, 40*, 84-107.
- Jackson, P. W. (1968). *Life in classrooms*. New York: Holt, Rinehart, & Winston.
- Jex, S. M., Adams, G. A., Elacqua, T. C., & Lux, D. J. (1997). A comparison of incident-based and scale measures of work stressors. *Work and Stress, 11*, 229-238.
- Kahn, W. A. (1993). Caring for the caregivers: Patterns of organizational caregiving. *Administrative Science Quarterly, 38*, 539-563.
- Kainan, A. (1994). Staffroom grumblings as expressed teachers' vocation. *Teaching and Teachers Educaiton, 10*, 281-290.

- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Children*, 2, 217-250.
- Kanner, L. (1949). Problems of nosology and psychodynamics in early infantile autism. *American Journal of Orthopsychiatry*, 19, 416-426.
- Kasl, S. V. (1987). Methodologies in stress and health: Past difficulties, present dilemmas, future directions. In S. V. Kasl & C. L. Cooper (Eds.), *Stress and health: Issues in research methodology* (pp. 307-318). New York: Wiley.
- Keenan, A., & Newton, T. J. (1985). Stressful events, stressors and psychological strains in young professional engineers. *Journal of Occupational Behaviour*, 6, 151-156.
- Khowaja, K., Merchant, R. J., & Hirani, D. (2005). Registered nurses perception of work satisfaction at a Tertiary Care University Hospital. *Journal of Nursing Management*, 13, 32-39.
- Kidd, P., Scharf, T., & Veazie, M. (1996) Linking stress and injury in the farming environment: A secondary analysis. *Health Education Quarterly*, 23, 224-237.
- Kirk, J., & Miller, M. (1986). *Reliability and validity in qualitative research*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Kohl, H. (1976). *On teaching*. New York: Schocken.
- Lee., D. (1998). An analysis of workplace bullying in the UK. *Personnel Review*, 29, 593-608.
- Louis, M. R. (1980). Surprise and sense making: What newcomers experience in entering unfamiliar organizational settings. *Administrative Science Quarterly*, 25, 226-251.
- MacDonald, L. M., & Korabik, K. (1991). Sources of stress and ways of coping among male and female managers. *Journal of Social Behavior and Personality* (Special Issue on Occupational Stress, P. Perrewe, Ed.), 6, 185-198.
- Maki, N., Moore, S., Grunberg, L., & Greenberg, E. (2005). The responses of male and female managers to workplace stress and downsizing. *North American Journal of Psychology*, 7, 295-312.
- McAdoo, W. G., & DeMeyer, M. K. (1979). Personality characteristics of parents. In M. Rutter & E. Schopler (Eds.), *Autism: A reappraisal of concepts and treatment* (pp. 251-267). New York: Plenum.
- Mears, A., & Finaly, W. (2005). Not just a paper doll. *Journal of Contemporary Ethnography*, 34, 317-343.
- Miller, G. (1957). *The adoption of inoculation for smallpox in England and France*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Molapo, M. P. (2001). *A biosocial study of high blood pressure among underground mineworkers in a South African gold mine*. Unpublished doctoral dissertation. Emory University, Atlanta, Georgia.
- Mykletun, R. J. (1985). Work stress and satisfaction of comprehensive school teachers: An interview study. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 29, 57-71.
- Noonan, B. M., Gallor, S. M., Hensler-McGinnis, N. F., Fassinger, R. E., Wang, S., & Goodman, J. (2004). Challenge and success: A qualitative study of the career development of highly achieving women with physical and sensory disabilities. *Journal of Counseling Psychology*, 51, 68-80.
- Palmer, C. E. (1983). A note about paramedics' strategies for dealing with death and dying. ; *Journal of Occupational Psychology*, 56, 83-86.

- Plewis, I., & Mason, P. (2005). What works and why: Combining quantitative and qualitative approaches in large-scale evaluations. *International Journal of Social Research Methodology*, 8, 185-194.
- Polanyi, M., & Tompa, E. (2004). Rethinking work-health models for the new global economy: A qualitative analysis of emerging dimensions of work. *Work: Journal of Prevention, Assessment and Rehabilitation*, 23, 3-18.
- Pollak, R. (1997). *The creation of Dr. B: A biography of Bruno Bettelheim*. New York: Simon and Schuster.
- Popper, K. (1963). *Conjectures and refutations: The growth of scientific knowledge*. New York: Basic Books.
- Rabinow, P., & Sullivan, W. H. (1987). *The interpretive turn: A second look*. Berkeley: University of California Press.
- Razzell, P. (1977). *The conquest of smallpox: The impact on smallpox mortality in eighteenth century Britain*. Fittle, Sussex, UK: Caliban Books.
- Reichenbach, H. (1951). *The rise of the scientific philosophy*. Berkeley: University of California Press.
- Reid, Y., Johnson, S., Morant, N., Kuipers, E., Szmukler, G., Thornicroft, G., et al. (1999). Explanations for stress and satisfaction in mental health professionals: A qualitative study. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 34, 301-308.
- Rimland, B. (1964). *Infantile autism*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Rutter, M., & Schopler, E. (Eds.). (1979). *Autism: A reappraisal of concepts and treatment*. New York: Plenum.
- Sachar, E. (1991). *Shut up and let the lady teach: A teacher's year in a public school*. New York: Poseidon Press.
- Schonfeld, I. S. (1990). Distress in a sample of teachers. *Journal of Psychology*, 123, 321-338.
- Schonfeld, I. S. (1992a). A longitudinal study of occupational stressors and depressive symptoms in first-year teachers. *Teaching and Teacher Education*, 8, 151-158.
- Schonfeld, I. S. (1992b). Assessing stress in teachers: Depressive symptoms scales and neutral self-reports on the work environment. In J. Quick, L. Murphy, and J. Hurrell, Jr. (Eds.), *Work and well-being: Assessments and instruments for occupational mental health* (pp.270-285). Washington, DC: American Psychological Association.
- Schonfeld, I. S. (1994, May). The impact of working conditions on depressive symptoms: The case of newly appointed woman teachers. International Conference on Social Stress Research, Honolulu.
- Schonfeld, I. S. (1996). Relation of negative affectivity to self-reports of job stressors and psychological outcomes. *Journal of Occupational Health Psychology*, 1, 397-412.
- Schonfeld, I. S. (2000). An updated look at depressive symptoms and job satisfaction in first-year women teachers. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 73, 363-371.
- Schonfeld, I. S. (2001). One-year longitudinal study of the effects of working conditions social support, coping, and locus of control on depressive symptoms and job satisfaction in women. *Genetic Psychology Monographs*, 127, 133-168.

- Schonfeld, I. S. (2006a). School violence. In E.K. Kelloway, J. Barling, & J.J. Hurrell (Eds.). *Handbook of workplace violence* (pp. 169-229). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Schonfeld, I. S. (2006b). The daily show: Teachers at work. American Psychological Association-NIOSH Conference on Work, Stress, and Health. Miami.
- Schonfeld, I. S., & Ruan, D. (1991). Occupational stress and preemployment measures: The case of teachers. *Journal of Social Behavior and Personality* (Special Issue on Occupational Stress, P. Perrewe, Ed.), 6, 95-114.
- Schonfeld, I. S., & Santiago, E. A. (1994). Working conditions and psychological distress in first-year women teachers: Qualitative findings. In L. C. Blackman (Ed.), *What works? Synthesizing effective biomedical and psychosocial strategies for healthy families in the 21st century*. Indianapolis: School of Social Work, University of Indiana.
- Shai, D. (2002). Working women/cloistered men: A family development approach to marriage arrangements among ultra-Orthodox Jews. *Journal of Comparative Family Studies*, 33, 97-115.
- Smith, D. L., & Smith, B. J. (2006). Perceptions of violence: The views of teachers who left urban schools. *The High School Journal*, 89, 34-42.
- Smith, M. L. (2006). Multiple methodology in education research. In J. L. Green, G. Camilli, & P.B. Imore (Eds.), *Handbook of complementary methods in education research* (pp. 457-476). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Steggerda, D. M. (2003). *If I tell them, will they listen? Voices of former teachers*. Unpublished doctoral dissertation. Drake University, Des Moines, Iowa.
- Steinberg, J. (1997, July 24). "Strong disciplinary action" is recommended for principal. *The New York Times*, p. B3.
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (Eds.). (2003). *Handbook of mixed methods in social and behavioral research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Tewksbury, R. (1993). On the margins of two professions: Job satisfaction and stress among post-secondary correctional educators. *American Journal of Criminal Justice*, 187, 61-77.
- The child is father. (1960). *Time*, 76, 78.
- Tracy, S. J., Myers, K. K., & Scott, C. W. (2006). Cracking jokes and crafting selves: Sensemaking and identity management among human service workers. *Communication Monographs*, 73, 283-308.
- Ward, H. L., & Miller, H. (1978). *A preventive point of view*. Springfield, IL: Thomas.
- Weyman, A., Clarke, D. D., & Cox, T. (2003). Developing a factor model of coal miners' attributions on risk-taking at work. *Work and Stress*, 17, 306-320.
- Wing, L. *Autistic children: A guide for parents and professionals* (2nd ed.). New York: Brunner/Mazel.
- Younghusband, L. J. (2008, March). Violence in the classroom: The reality of a teacher's workplace. Paper presented at the Work, Stress, and Health 2008 Conference, Washington, D.C.

### Notas de Rodapé

<sup>1</sup>Uma turma Gates é composta de alunos que não são aprovados devido a desempenho ruim.

<sup>2</sup>Os trechos extraídos do livro de Sachar *Shut up and let the lady teach: A teacher's year in a public school* foram citados com permissão da editora.

<sup>3</sup>A falácia de Berkson, um princípio do campo altamente quantitativo da epidemiologia, indica que, se todos os potenciais sujeitos de pesquisa *não* têm a mesma probabilidade de serem incluídos em uma amostra de estudo, os investigadores terão dificuldade para concluir que uma associação, encontrada na amostra, entre um fator e uma doença, aplica-se à população (Fleiss, 1981). A falácia explica por que muitas vezes é difícil tirar conclusões inequívocas ao se estudar fatores associados a uma doença em amostras clínicas. Os fatores que levam os potenciais sujeitos de pesquisa a buscar um ambiente clínico, onde poderão ser recrutados para um estudo, freqüentemente diferem dos fatores que aumentam o risco de uma doença para os indivíduos. Estudos de amostras clínicas podem fazer com que o investigador realize uma identificação equivocada de fatores que estão associados à chegada dos sujeitos ao ambiente clínico como fatores que aumentam o risco de doença para os sujeitos. Na época da Grande Depressão, é provável que as famílias que levavam seus filhos autistas para consultar Kanner eram, em sua maioria, membros da elite. Sua situação econômica privilegiada poderia explicar por que as famílias tinham condições de consultar Kanner (1943) em seu consultório de Baltimore – muitas famílias viajavam distâncias consideráveis – e isso pode explicar, em parte, a frieza que ele observou nos pais das crianças afetadas pelo transtorno (cf. Wing, 1985).